

EDUCAÇÃO QUE VEM DA TERRA

Escola maranhense investe em formação por alternância para filhos de agricultores



Já com os primeiros raios de sol de uma segunda-feira, Malone Pereira, 12 anos, se prepara para ir à escola. Diferente da rotina de muitos adolescentes brasileiros, o estudante, filho de agricultores, leva cerca de uma hora e meia para chegar ao seu destino. Durante a viagem, o campo é presença forte aos olhos do garoto, que observa a paisagem enquanto segura a mochila organizada com os cadernos e um conjunto de roupas – afinal de contas, serão duas semanas em meio a colegas e professores. “A saudade da família é grande, mas os amigos que fiz na escola e todo o aprendizado compensam. Muita coisa que já aprendi serviu para o trabalho dos meus pais”, diz o menino.

A história de Malone coincide com a de outros 76 adolescentes que estudam na Escola Família Agrícola de São Luís Gonzaga do Maranhão/MA. A instituição, mantida pela Associação Comunitária e Educacional José Rocha, atua



Fotos: Fernando Carneiro

em sistema de semi-internato, conhecido como Pedagogia da Alternância, que proporciona um caminhar entre a família e a escola, unindo saberes teóricos com as experiências vivenciadas no meio onde estão inseridos os educandos. A Escola atende a quatro turmas do 6º ao 9º ano – duas a cada quinzena. Além dos conteúdos regulares, os alunos têm aulas de informática e disciplinas específicas para o campo, como agricultura e zootecnia. “O conhecimento teórico e prático que oferecemos contribui para formar cidadãos para o futuro e fazer com que os estudantes desenvolvam seus projetos individuais e para a própria comunidade, dando a eles a oportunidade de escolha, independente de eles permanecerem no campo ou não”, explica o presidente da Associação, Francisco Xavier.

Empoderamento, cidadania, acessibilidade – lutas tão defendidas nas periferias das grandes cidades do País ganham sentido também no campo, lugar marcado pela falta de profissionais bem qualificados, de aparelhos sociais e pelas péssimas condições das vias e estradas. O campo, visto apenas como espaço de produção, não permite que a sociedade perceba que este é também um lugar habitado por pessoas que têm sua cultura, suas visões e seus potenciais profissionais, porém, sem a oportunidade de mostrar tudo isso. “Instituir a Escola Família, voltada para a educação no campo, tem nos permitido quebrar esse conceito equivocado e dar dignidade e oportunidade para os filhos dos agricultores, para que a pobreza e a marginalização sejam reduzidas, mudando a realidade no campo”, afirma o diretor pedagógico da Escola, Fernando Carneiro.

CULTIVANDO O ESPAÇO

Nos 10 hectares de terra, cedidos na década de 1990 pelas famílias de agricultores, foi construída e implantada a Escola Família Agrícola de São Luís Gonzaga do Maranhão. A área está subdividida nos seguintes setores: duas hortas, uma para o cultivo de plantas medi-

cinais e outra para hortaliças; um pomar; uma pocilga; um aviário; e um tanque para criação de peixe. Os setores produtivos têm como objetivo a produção de alimento para o consumo dos alunos e o desenvolvimento de aulas práticas. O ambiente ainda dispõe de uma área de reserva florestal e um campo de futebol, de chão batido, além da sede da escola. Mas, como qualquer estrutura física, o espaço precisava de reformas por causa do desgaste do tempo.

Sem recursos financeiros para a obra, a ajuda veio por meio do *Programa Criança Esperança*, uma parceria da Rede Globo com a UNESCO. Com os recursos, a Associação melhorou os espaços da escola, comprou equipamentos e móveis, além de materiais e utensílios domésticos para atender aos alunos durante a estadia na instituição. “A estrutura estava bem danificada, havia paredes rachadas, e nós não tínhamos recursos suficientes para essa reforma. O *Criança Esperança* permitiu que essas pessoas simples tivessem um aprendizado de melhor qualidade na Escola, foi uma grande ajuda para a comunidade”, lembra Xavier.

Um benefício que tem refletido diretamente no desenvolvimento dos alunos. Vindos de famílias que não tiveram a oportunidade de formação, a dificuldade com a leitura, a escrita e a matemática ainda cedem espaço para o problema da educação social. “No decorrer desses quatro anos em que eles permanecem na escola, uma das primeiras mudanças que observamos é o comportamento, de saber utilizar as coisas que a escola dispõe, a questão da alimentação, porque as crianças chegam com uma resistência muito grande com relação ao consumo de produtos saudáveis, e nós temos que trabalhar esse novo hábito alimentar, inserindo frutas, sucos naturais e verduras”, explica Carneiro.

No fim, meninos e meninas têm a oportunidade de viver o verdadeiro sentido da cidadania. “Eu acho a Escola diferente das outras, principalmente nas regras. Aqui, eu posso estudar e brincar”, conta Raiane Duarte, 13 anos, que em poucas palavras deixa claro o desejo de qualquer criança: aprender se divertindo. ■